



INSTITUCIONALIZAÇÃO DA VELHICE: PERCEPÇÕES E VIVÊNCIAS EM UMA INSTITUIÇÃO DE LONGA PERMANÊNCIA PARA IDOSO

Michele Lima Rodrigues

Adriana de Oliveira Alcântara

FACULDADE METROPOLITANA DA GRANDE FORTALEZA – FAMETRO

michelelgurgel@gmail.com

alcantara2002@yahoo.com.br

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo verificar as percepções dos velhos sobre o processo de institucionalização em uma Instituição de Longa Permanência para Idoso (ILPI), buscando conhecer suas histórias de vida e suas expectativas no interior de uma delas. Para conhecer essa realidade, entrevistamos quatro velhos – dois homens e duas mulheres, com idade entre 73 e 81 anos e com memória preservada. A investigação foi realizada em um abrigo filantrópico de atendimento de alta complexidade, localizado na cidade de Fortaleza, que possui uma equipe multidisciplinar composta por 117 profissionais e, atualmente, abriga 230 velhos. Para apreender as percepções dos velhos sobre o processo de institucionalização, realizamos a pesquisa de campo qualitativa utilizando como instrumento para coletas de dados: a entrevista semiestruturada, os diários de campos e a gravação das entrevistas. Salientamos que as entrevistas abordavam sobre a família, os motivos da institucionalização, as atividades realizadas antes e depois de se mudarem para o abrigo e, principalmente como esses velhos se sentem, residindo no Lar Torres de Melo. Diante das narrativas dos interlocutores, a institucionalização pode vir a ser um suporte para promover a autonomia do velho e/ou uma forma de suprir as necessidades físicas e psíquicas nas quais a família mostrou-se inapta para assumir.

Palavras-chave: Velhice, Família, Institucionalização.

ABSTRACT

This study aimed to verify the perceptions of old on the process of institutionalization in a Long Term Care Institutions for the Elderly (ILPI), seeking to know their life stories and their expectations within one. To learn about this reality, we interviewed four old - two men and two women, aged between 73 and 81 years and with preserved memory. The research was carried out in a philanthropic under highly complex care, located in Fortaleza, which has a multidisciplinary team of 117 professionals and currently houses 230 old. To grasp the perceptions of old on the institutionalization process, we conducted qualitative field research using as a tool for data collection: a semi-structured interview, the daily fields and recording the interviews. We stress that the interviews addressed the family, the reasons for institutionalization, the activities carried out before and after moving to the shelter, and

especially how these old feel, residing in the Home Melo Torres. On the narratives of the interlocutors, the institutionalization may come to be a support to promote the autonomy of old and / or a way to meet the physical and psychological needs where the family has proved unfit to take over.

Keywords: Elderly, Family, Institutionalization.

INTRODUÇÃO

Como veremos, os velhos passaram a ser um contingente expressivo no mundo e no Brasil. Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – PNAD/2009, o País contava com uma população de cerca de 21 milhões de pessoas de 60 anos ou mais de idade. Síntese de Indicadores Sociais: Uma Análise das Condições de Vida da População Brasileira (IBGE, 2010, p. 191) demonstra esta realidade e traz várias inquietações – Qual é o perfil do velho brasileiro? Como se configura essa fase? Como oferecer suporte as suas necessidades? De acordo com Alcântara (2003, p. 1):

No Brasil, a velhice vem recebendo maior atenção por parte dos geriatras, gerontólogos, movimentos sociais e das universidades, desde a década de 1980. Embora o envelhecimento da população seja reconhecida como um problema que vem implicando mudanças no contexto socioeconômico, a produção científica ainda é incipiente, o que também não foi diferente nos países do Primeiro Mundo, nos quais a temática foi aceita de maneira lenta no meio acadêmico, sendo impulsionada há cerca de três décadas.

Falar de velhice é um assunto que mexe muito com os sentimentos, seja por ser uma idade que acarreta preconceitos ou porque, muitas vezes, está associada à decadência física e mental. Cada indivíduo tem uma percepção sobre a velhice, pois ela é construída socialmente e culturalmente e, portanto, é, sobremaneira, heterogênea. Considerando que esta envolve dimensões biológica, psicológica, cronológica e social. E o aspecto social é mais expressivo do que o cronológico, haja vista a dinâmica das relações sociais as quais interferem no modo como os sujeitos envelhecem.

Diante do recente cenário caracterizado pelas mudanças sociais, como o aumento da expectativa de vida da população velha e as mudanças nas

configurações da família e suas relações sociais, podemos observar as demandas, no que dizem respeito aos cuidados com os velhos. Como nos aponta Herédia (2004, p.16), “as fases de vida anteriores à velhice, as condições, o modo de vida, e, ainda, os fatores internos que determinam o processo individual de envelhecimento são muito distintos”.

A partir de uma experiência familiar, o assunto da velhice passou a chamar atenção, refletindo, pois, as dificuldades das pessoas envelhecidas que dependem da família nas tarefas do cuidado diário, como tomar banho, amparo nas necessidades fisiológicas, comer, caminhar, vestir-se e se levantar, enfim, o cuidado de terceiros se faz essencial para viver com dignidade. Entretanto, nem todas as famílias têm o suporte financeiro e psicológico para prestar tais cuidados e acabam institucionalizando seus velhos.

Acerca da decisão pela institucionalização, esta acontece, muitas vezes, a partir do momento em que as necessidades dos velhos não são atendidas pela família, haja vista a impossibilidade de manter seus velhos, frente às exigências financeiras, psicológicas e condições de infraestrutura. Assim, observamos que as cuidadoras ficam debilitadas física e mentalmente. Visivelmente “cansadas” e, em certas circunstâncias, no limite do *stress*. A família em seu todo fica afetada face à mudança no estilo de vida de seus componentes e decidem pela institucionalização, por não ter apoio no grupo doméstico nem tampouco do Estado.

A partir de tais demandas, a Instituição de Longa Permanência – (ILPI) pode ser uma das alternativas para os familiares e, até mesmo, pelo próprio velho, haja vista a impossibilidade do cuidado no âmbito doméstico. Mas, a escolha pela institucionalização vem acompanhada por um “olhar negativo”, pois as pessoas já criaram uma concepção negativa desses locais.

Essas instituições, geralmente, são conhecidas como asilo ou casa lar, vistas como certa estranheza, estigmatizada, sendo associada à pobreza e ao abandono, contudo, as ILPI são:



Consideradas como uma modalidade de assistência social, que objetivam atender a pessoa velha sem condições de prover suas necessidades básicas como moradia, alimentação, saúde e convivência social, mas, também, oferecer às famílias o suporte e apoio para velhos que não tem companhia e não podem ficar sozinhos (D'ALENCAR, *et al.*, 2004, p. 7).

A institucionalização se integraliza como o suporte familiar, no cuidado e acompanhamento do velho. É necessário conhecer e entender o interior das ILPI, para evitar concepções equivocadas e permeadas de senso comum. Lembrando que existem vários fatores que acometem a entrada do velho em uma ILPI.

Diante desse contexto, delimitamos como objetivo geral, verificar as percepções dos velhos sobre o processo de institucionalização e com objetivos específicos, apresentamos: apreender os motivos da institucionalização; Conhecer o cotidiano do velho na instituição; Identificar o significado do acolhimento para o velho e perceber como se configuram os vínculos familiares depois da institucionalização.

A pesquisa foi realizada no Abrigo Lar Torres de Melo, fundado no dia 10 de agosto de 1905, localizado na Rua Júlio Pinto, 1832 - Jacarecanga, Fortaleza – CE. É uma instituição pública que abriga 230 velhos com idade igual ou acima de 60 anos, em regime de internato, por tempo indeterminado, com ou sem vínculo familiar e/ou que não tem condições de prover suas necessidades, como: moradia, alimentação, cuidados diários e convivência social. Contemplam, também, o projeto conviver, que são oferecidas atividades aos idosos que residem próximo a ILPI⁵.

Possui uma assistência integral dentro dos dispositivos constitucionais e a Lei 8.742, de 07 de dezembro de 1993 (Lei Orgânica da Assistência Social – LOAS) e Estatuto do Idoso regulamentado pela Lei 10.741/2003.

METODOLOGIA

Para iniciar a pesquisa de campo, foi estabelecido um contato e apresentado uma proposta de trabalho à equipe dirigente da instituição com o fim de obter o consentimento para a realização desta. A partir desse consentimento, foi possível iniciar uma visita exploratória de campo, de modo a se aproximar dos velhos. Assim, as visitas aconteceram durante quatro semanas no período matutino

e vespertino, havendo um conhecimento do cotidiano asilar, bem como de seus residentes.

Foram criados instrumentos de pesquisa, como: um termo de consentimento e um roteiro para a entrevista, a entrevista semiestruturada, que, segundo Minayo (2010, p. 267), “obedece a um roteiro que é apropriado fisicamente e utilizado pelo pesquisador”, facilitando e assegurando a abordagem sobre determinados assuntos relevantes para a pesquisa.

Na coleta dos depoimentos dos velhos, solicitava-se que os informantes decorressem livremente sobre suas vidas, mas tendo como guia um tema específico, buscando-se conhecer suas percepções sobre o processo da institucionalização. Assim, conforme Giglio e Simson *apud* Alcântara (2003, p. 50):

O depoente era conduzido a falar abertamente, de modo que se sentisse à vontade, com vistas a uma relação de confiança. Ao deslocar seu testemunho a outros subtemas que se afastavam do ponto de interesse da pesquisa, era reconduzida.

A relação entre pesquisadoras e interlocutores se realizou de acordo com as aproximações durante as visitas ao abrigo e o preenchimento da ficha de identificação, já o diálogo acontecia no ato da entrevista, mas o retorno da mesma era realizada em outro dia, de modo a combinar o dia e horário do encontro conforme com a disponibilidade de cada um.

Foram realizados dois encontros com cada entrevistado, com duração de trinta minutos e estes aconteceram no quarto, no corredor e na área verde da instituição. Sempre havia alguém por perto, como os profissionais da instituição, cuidadoras ou até mesmo os companheiros de quarto.

Esse momento do diálogo era um dos momentos mais significativos, mas exigia paciência, saber esperar, saber se colocar diante da conversação, deixar o entrevistado livre para expor suas vivências e, principalmente, suas angústias, evitando interromper suas colocações, mas sempre direcionando a conversa. E sobre os interlocutores Alcântara (2003) disserta:

Depois de estabelecido um vínculo de confiança, ouvir e conhecer aquelas histórias permitiu compreender que é um equívoco reduzir o outro ao ponto de vista do pesquisador ou da ciência, quer dizer, é necessário considerar o outro sem predeterminar ou qualificar previamente e, sobretudo, pensar os sujeitos de pesquisa como indivíduos providos de percepções e emoções, evitando a pretensão de subestimá-los (ALCÂNTARA, 2003, p. 53)

Um aspecto importante foi deixar o entrevistado à vontade, respeitando seu ritmo de expor sua história, pois tinham alguns deles que denegriam, interrompiam o que estavam dizendo e introduziam outro assunto.

Como a pesquisa é qualitativa e cujo objetivo esteve voltado para apreender as histórias de vida e suas perspectivas do seu cotidiano na instituição, se fez necessário o registro desse diálogo, por algumas técnicas como: diário de campo, gravador e materiais pessoais disponibilizados pelos entrevistados. Deste modo, foi solicitada a permissão deles para registro documental, utilização do gravador e divulgação da entrevista.

Em campo, foi utilizada a observação direta intensiva sistemática e em consonância com Ribas (2004, p. 25): “a observação é uma técnica que utiliza os sentidos para apreender determinados aspectos da realidade”, pois através das manifestações físicas do sujeito, eles nos revelam pontos importantes, porque, muitas vezes, o que as palavras não explicam o corpo expressa. Através dessa técnica, identificamos alguns sentimentos que eles não conseguiram expor, mas o não dito era pleno de significado.

O diário de campo foi imprescindível para o registro desses comportamentos, uma vez que podemos registrar o dia a dia da instituição, a relação dos funcionários com os residentes, os aspectos físicos da instituição e a rotina vivenciada pelos velhos.

A pesquisa de campo junto com as técnicas proporcionou conhecer uma realidade em profundidade, criando possibilidades para apreender o que é estranho a nós, demonstrando dados e conhecimentos sobre o problema investigado. E o mais importante é lidar com crenças, valores e atitudes diferentes,

posto que, através dessas representações, podemos desnaturalizar o que é posto socialmente.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como a pesquisa tem como objetivo apreender as percepções dos velhos sobre o processo de institucionalização, durante esta, foram enfatizadas perguntas relacionadas ao relacionamento familiar, os motivos da institucionalização, as atividades realizadas antes e depois da mudança para o abrigo e, principalmente, como esses velhos se sentiam, residindo no Lar Torres de Melo. Ecléa Bosi afirma (apud Cortelletti et al. 1987, p. 67):

As histórias de vida remetem a uma dimensão subjetiva, peculiar de cada indivíduo, ressignificando sua existência por meio da narrativa. Daí se revestirem de grande relevância os elementos trazidos da lembrança pelas narrativas, dentre eles os motivos que levaram esses idosos ao asilamento.

As histórias de vida nos propõem a conhecer como cada pessoa se constrói, se transforma e, especialmente, se desenvolve socialmente, pois no decorrer de sua vida estará sujeita a diferentes relações, seja no âmbito familiar como institucional. Há que se lembrar que cada indivíduo possui seus valores, costumes e princípios.

Ao se retratar a ILPI, é recorrente uma visão aligeirada de que a instituição não é um local adequado para se viver e que ela proporciona o rompimento social e familiar do velho. Como reforçam Christophe e Camarano (2010, p. 153): “Além da sua origem associada à pobreza e ao abandono, parece que o medo da morte e da finitude explica, também, parte do preconceito ainda existente em relação aos asilos”. É como se abrigo fosse um local para esperar a morte e não suprisse as necessidades dos seus residentes. Contudo, é mister apreender as percepções dos próprios sujeitos:

Busquei acolhida, nesta casa, pelo fato da minha família se haver declarado sem condições de cuidar de mim, de prestar a assistência de que eu necessitava, em virtude das precárias condições de saúde e das insuficiências financeiras alegadas.

Entendi que passei a viver em um novo ambiente, onde dispunha de condições habitacionais dignas, alimentação adequada e assistência à saúde de ótima qualidade, bem acima do que eu esperava – Joaquim, 73 anos.

Não tinha mãe e nem pai e eu tinha tido no hospital mental e todo mundo soube que eu tava nervosa... aí, a filha da minha prima não se dava comigo e o marido bebia e quando cheguei os papéis já estavam prontos, pois tá certo, vou, mas aceitei e fiquei, eu gostei, me sinto bem -Maria, 79 anos.

Diante das narrações dos entrevistados, é perceptivo que eles reconhecem que o Lar Torres de Melo tem um bom suporte, no que se diz ao cuidado, haja vista o aparato médico, de enfermagem, alimentação. Neste sentido, Alcântara (2004, p. 99) afirma: “De forma geral, consideram a instituição como “asilo saúde”, um local onde se tem assistência médica, além de garantia de suas necessidades básicas do dia-a-dia”.

E, para conhecer o que mudou ou permanece em relação à entrada na instituição, foram feitas perguntas relacionadas ao cotidiano, se realizavam atividades, o que costumam fazer diariamente, como era o dia a dia com os outros residentes, buscando apreender o processo de mudança e o relacionamento desses residentes no abrigo. Como nos alerta Cortelletti *et al.* (2004):

A velhice é marcada pela sabedoria, pela resignificação de valores, pela consciência da finitude, pela esperança, mas também pelas perdas (biológicas, sociais e psicológicas), que podem gerar sentimentos de solidão, de desvalorização pessoal e profissional ou levar à dependência e à falta de autonomia (CORTELLETTI *et al.*, 2004, p. 74)

Observei que existem aqueles cujas condições, psicológica ou física, estão fragilizadas causando um afastamento dos demais residentes, mas como não podemos idealizar, existem velhos plenamente autônomos e interagindo na instituição. D’Alencar e Carmen Andrade (2004) se remetem ao relacionamento neste contexto:

Nesses asilos, encontramos uma considerável variedade de situações dos internados: há idoso com comprometimento físico e/ou mental, o autônomo ou com relativa autonomia, o que tem família, o que tem filhos, o que perdeu a família, o idoso indigente, o pensionista, o aposentado, aquele que possui documentação completa, aquele sem qualquer identificação. Essas múltiplas condições, no entanto, não interferem tampouco comprometem a convivência entre eles (D'ALENCAR, ANDRADE, 2004, p. 78).

Em algumas falas, foi perceptível uma apatia no que se refere à institucionalização, ou seja, mesmo que aspirem a estar em outro local, há uma conformação. Por outro lado, existem afirmativas de que a ILP se apresenta como uma oportunidade para continuar em atividade.

Recuperei um projeto de trabalho que eu tinha elaborado em 2008, com o apoio da empresa americana CompuMed, Inc, que foi totalmente refeito em virtude das alterações tecnológicas ocorridas, e que está pronto para ser submetido à avaliação do Sebrae, que confirmarão ou não as viabilidades econômicas e sociais, indispensáveis ao financiamento disponível. O outro Projeto é denominado "Centriagem" é um centro de triagem para diagnóstico médico, a baixo custo [...]. Com esse depoimento, tenho a intenção de testemunhar, como idoso beneficiado, a importância e a excelência da assistência prestada aos idosos que, como eu, são privilegiados por aqui residirem – Joaquim, 73 anos.

Se o meu filho chegasse aqui dizendo que tinha ganhado na loteria e me oferecer dinheiro e quiser me tirar daqui, eu não quero. Se é para me ajudar, me ajude aqui.

Eu não saio do Lar Torres de Melo - Joaquim, 73 anos.

Para D. Maria, Lar Torres de Melo é sua referência familiar e social, até porque chegou lá com 49 anos de idade, reside na instituição há 40 anos, órfã de pai e mãe, como também desconhece ter outros parentes, com exceção de sua prima,

que a colocou no abrigo. Em uma das suas falas, ela se mostra conformada e se sente bem em estar residindo no local (Diário de campo, 24/04/2015).

Eu gosto, me sinto bem. Tem as meninas aqui, as médicas, as cuidadoras [...] - Maria, 79 anos.

Já o Américo não aceita muito bem a institucionalização, é mais visível quando pergunto sobre os motivos que lhe trouxeram para o Lar Torres de Melo. E o mesmo coloca “o que posso fazer, se me trouxeram para o abrigo?”

É aquela coisa, a gente entrega a Deus! O que posso fazer?- Américo, 81 anos.

Gosto daqui, acostuma e aprende a viver - Neide, 77 anos.

As respostas mostram que a institucionalização pode ser um suporte para promover a autonomia do velho e/ou como uma forma de suprir as necessidades físicas e psíquicas que a família mostra-se incapaz de corresponder. E outra questão relevante é a possibilidade de construir novos laços. Como também observamos que há perdas, autonomia e independência. Chamou, também, atenção a perda de privacidade. Nesta direção, Christophe e Camarano (2010) discorrem:

Outro preconceito comumente levantado pela literatura diz respeito à perda de privacidade e conseqüente perda de individualidade existente nas instituições. Alguma inferência sobre a existência ou não de privacidade pode ser obtida através das informações sobre o número de pessoas abrigadas por quarto levantados pela pesquisa Ipea. Do Total de quartos encontrados nas instituições brasileiras, 36, 6% são individuais, o que conforme um certo grau de privacidade para os residentes. Por outro lado, em 13,8% dos quartos residem quatro ou mais pessoas (CHRISTOPHE; CAMARANO, 2010, P. 154)

Mas após a institucionalização, como fica esse relacionamento familiar e social? Os quatro entrevistados foram colocados na instituição por familiares (dois pelo filho, um pela prima e por escolha própria) e alegaram que não permanecem

com eles. Será que, além da distância geográfica, esses familiares perderam o vínculo com seus velhos?

Procuo ter uma relação franca, não ter imposições, regras, condicionamentos, vão e vem quando querem (filhos), vêm algumas ex-companheiras também vem [...]. Quando vejo minha filha mais velha, a que me colocou aqui, ela vem de vez quando, e olho nos olhos dela, eu me revigoro - Joaquim, 73 anos.

Alguns amigos vêm aqui, minha nora, minha filha, mas agora viajou... Aqui acolá vem. É muito difícil, mas esse é o mal, coloca os idosos nas instituições e esquece, todos eles, a maioria - Américo, 81 anos.

Recebo visitas de amigos, dos grupos do Shalom, da Igreja família não serve pra nada, se você não trabalhar, fazer sua vida. Tem que se acostumar, não adianta ficar chorando pela família”- Neide, 77 anos.

Durante uma conversa com a assistente social do Lar Torres de Melo, ela expôs que a instituição é facilitadora dos vínculos sociais dos velhos e que é um direito preconizado pelo Estatuto do Idoso. Incluem-se, no Art. 49, das Entidades de Atendimento ao Idoso, os seguintes princípios:

I- preservação dos vínculos familiares; II- atendimento personalizado e em pequenos grupos; III- manutenção do idoso na mesma instituição, salvo em caso de força maior; IV - participação do idoso nas atividades comunitárias, de caráter interno e externo; V- observância dos direitos e garantias dos idosos; VI - preservação da identidade do idoso e oferecimento de ambiente de respeito e dignidade.

O modo pela qual os velhos se desenvolvem na instituição, tende a dar uma característica no cotidiano destes “[...] o asilo não pode ser entendido como representação do fim de uma carreira, mas antes sua continuação em um novo espaço social “ (DEBERT, 2012, p. 119). A entrada na instituição pode ser um suporte, ou até mesmo, um incentivo para o desenvolvimento social do velho,

possibilitando experiências e novos aprendizados ao mesmo, promovendo uma identidade social.

CONCLUSÃO

A pesquisa nos proporcionou um aprofundamento acerca da rotina destes velhos, de maneira a romper com o senso comum, pois a superação da aparência nos permite rever a vida vivida e, especialmente, desconstruir preconceitos.

O interesse em estudar essa realidade partiu de experiência pessoal, bem como das observações em torno de como a mídia e outros meios de comunicação retratavam a vida dos velhos em ILPI. De acordo com as colocações, o abrigo é visto como um local impróprio para o desenvolvimento do velho, sendo, pois, um local para a família abandoná-lo. Tais declarações influenciam a opinião pública, gerando uma concepção profundamente negativa sobre este tipo de instituição.

É perceptível durante a pesquisa de campo, que esses velhos estão bem fisicamente, denotando que o abrigo veio como o suporte em momento oportuno. Assim, vejo cada um dos velhos que participou da entrevista: o Sr. Joaquim, o sonhador e escritor, sempre escrevendo e lendo; a D. Maria, exemplo de superação, não se deixa abalar pela falta de visitas familiares, pois se afeiçãoou aos funcionários; o Sr. Américo, recém-chegado, mas já está se adaptando e a D. Neide que prefere cultivar os novos vínculos afetivos.

Prepondera o entendimento de que abrigo não consegue suprir as necessidades que o velho necessita e o ambiente doméstico é visto como o principal espaço para acolhê-lo, mas, no decorrer do trabalho, verificamos que nem sempre a família proporciona este suporte, uma vez que as relações sociais se modificam, a exemplo da insuficiente condição financeira.

Há possibilidades de se viver em uma ILPI? Esse questionamento provoca uma certa inquietação, pois, somada à relação com o abandono, persiste a ideia do rompimento entre o indivíduo e a sociedade, o que levaria a uma perda de identidade.

As entrevistas proporcionaram conhecer como realmente é viver em situação de asilamento e, para nossa surpresa, eles veem esse processo como uma alternativa agradável, ao expressarem as condições que acometeram a institucionalização, como: os filhos não tinham condições financeiras e psicológicas na tarefa do cuidado, havia a falta de tempo dos filhos e a ausência familiar. Assim, verbalizaram que ILP era um ambiente para suprir suas necessidades, fossem elas físicas e psíquicas ou até mesmo sentimental.

Compreendemos, seguindo o raciocínio de Born (1999), que nem sempre a família é vilã e o velho é a vítima, pois os processos de relacionamento acontecem no desenvolvimento social de cada indivíduo. Não podemos criticar a decisão familiar em colocar seu velho em uma ILPI, visto que tal atitude envolve vários fatores e até o próprio velho, hoje, vem tomando esta providência.

A pesquisa é uma forma aprofundada para conhecer a realidade em que um sujeito social está inserido, posto que passamos a alcançar a perspectiva da totalidade.

REFERÊNCIAS

ALCÂNTARA, Adriana de Oliveira. **Velhos institucionalizados e família: entre abafos e desabafos**. Campinas: Alinea, 2004. (Col. Velhice e Sociedade).

BORN, Tomiko. **Cuidado ao idoso em instituição**. In: PAPALÉO NETTO, Matheus (Org.). Gerontologia: a velhice e o envelhecimento em visão globalizada. São Paulo: Atheneu, 1999, p. 403-13.

CAMARANO, Ana Amélia. (Org.). **Cuidados de longa duração para a população idosa: um novo risco social a ser assumido?** Rio de Janeiro: Ipea, 2010.

DALENCAR, Raimunda Silva. *et al.* (Org.). **Memorialidade**. Departamento de Filosofia e ciências humanas. Ano 1, n.1 (jan. 2004). Ilhés, BA: Editus, 2004 – v.

DALENCAR, Raimunda Silva. *et al.* (Org.). **Memorialidades: Dossiê instituições de longa permanência para pessoas idosas**. Ilhés, BA: Editus, 2004 – v.



DEBERT, Guita Grin. **A reinvenção da velhice:** socialização e processos de reprivatização do envelhecimento. 1 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 2012.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade. 32. ed. Petrópolis: Vozes, 2012. 108 p. Coleção temas sociais. ISBN 978-85-326-1145-1. Português.

HERÉDIA, Vania B. M.; CORTELLETTI, Ivonne A.; CASARA, Miriam Bonho. Institucionalização do idoso: identidade e realidade. In: _____(Org.). **Idoso Asilado:** um estudo gerontológico. Caxias do Sul, RS: Educ/Edipurs, 2004.

IBGE: Censo Demográfico 2010. Brasília, 2011. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/>. 20/Setembro, 2014.

POUPART, Jean. *et al.* **A pesquisa qualitativa:** enfoques epistemológicos e metodológicos. Trad. Ana Cristina Nasser. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

RIBAS, Simone Augusta. **Metodologia científica.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004. 110 p.